

IMAGINÁRIO
E IDENTIFICAÇÃO
NO DISCURSO
SOBRE DONALD TRUMP:
ANÁLISE DO
FUNCIONAMENTO
DE CAPAS DAS REVISTAS
*EXAME E ISTOÉ*¹

IMAGINARIO E IDENTIFICACIÓN EN EL DISCURSO SOBRE DONALD TRUMP: ANÁLISIS
DEL FUNCIONAMIENTO DE PORTADAS DE LAS REVISTAS *EXAME E ISTOÉ*

IMAGINARY AND IDENTIFICATION IN THE DISCOURSE ABOUT DONALD TRUMP:
ANALYSIS OF THE FUNCTIONING OF THE COVERS OF JOURNALS *EXAME AND ISTOÉ*

Fábio Elias Verdiani Tfouni*
Universidade Federal de Sergipe

Evandra Grigoletto**
Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO: O objetivo do presente trabalho, filiado aos princípios teóricos e metodológicos da Análise do Discurso Pecheutiana, em uma interface com a psicanálise Freud-Lacanianiana, é o de analisar a imagem sobre Donald Trump em revistas brasileiras de grande circulação. Mais especificamente, tomando como materialidade a capa de duas revistas (*Exame e IstoÉ*), buscamos compreender a

¹ Este artigo é resultado de Estágio de Pós-Doutorado do Prof. Dr. Fábio Elias Verdiani Tfouni (UFS), realizado junto ao Programa de Pós-graduação em Letras da UFPE, sob a supervisão da Profa. Dra. Evandra Grigoletto (UFPE).

* Professor Associado da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Membro do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe. Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2003). Realizou estágio de Pós-Doutorado no IEL/UNICAMP com Bolsa FAPESP. E-mail: fabiotfouni@hotmail.com.

** Docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE. Doutora em Teorias do Texto e do Discurso pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2005). Líder do Núcleo de Estudos em Práticas de Linguagem e Espaço Virtual (NEPLEV). Orienta trabalhos e atua na área da Análise do Discurso pecheutiana. E-mail: evandragrigoletto@gmail.com.

tomada de posição das revistas em relação a Trump, a partir da análise da imagem projetada ao Presidente Americano e das relações de (contra)identificação. Isso nos permitiu concluir que a posição ideológico-discursiva com as quais os sujeito-jornalistas se identificam é contrária à posição assumida por Trump. Tal conclusão é corroborada pela imagem dominante, atribuída a ele pelas revistas, qual seja: a de um político de extrema direita, um “Hitler americano”, capaz de destruir as ideias da política e economia liberais.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso. Donald Trump. Identificação. Imaginário.

RESUMEN: El objetivo del presente trabajo, inscrito en los principios teóricos y metodológicos del Análisis del Discurso Pecheutiano, en una interrelación con el psicoanálisis Freud-Lacanian, es analizar la imagen de Donald Trump en revistas brasileñas de gran circulación. Específicamente, tomando como materialidad la portada de dos revistas (*Exame* e *IstoÉ*), buscamos comprender la toma de posición de dichas revistas con relación a Trump, a partir del análisis de la imagen proyectada del Presidente Americano y de las relaciones de (contra)identificación. Esto nos permitió concluir que la posición ideológico-discursiva con la cual se identifican los sujeto-periodistas es opuesta a la posición asumida por Trump. Tal conclusión es corroborada por la imagen dominante, que le atribuyen a él las revistas, que es: la de un político de extrema derecha, un “Hitler americano”, capaz de destruir las ideas de la política y economía liberales.

PALABRAS CLAVE: Análisis del Discurso. Donald Trump. Identificación. Imaginario.

ABSTRACT: The objective of the present work, affiliated to the theoretical and methodological principles of the Pecheutian Discourse Analysis, in an interface with the Freud-Lacanian psychoanalysis, is to analyze the image about Donald Trump in Brazilian magazines of great circulation. More specifically, taking the cover of two magazines (*Exame* and *IstoÉ*) as materiality, we sought to understand how the magazine covers position themselves in relation to Trump, based on the analysis of the projected image to the US President and the (counter) identification relations. This has allowed us to conclude that the ideological-discursive position with which journalists identify themselves is contrary to the position assumed by Trump. Such a conclusion is corroborated by the dominant image attributed to him by the magazines: that of an extreme right-wing politician, a ‘US Hitler,’ capable of destroying the ideas of liberal politics and economics.

KEYWORDS: Discourse Analysis. Donald Trump. Identification. Imaginary.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho parte de um projeto mais amplo, que pretende, de modo genérico, analisar o discurso sobre Donald Trump em revistas brasileiras de grande circulação, tomando como pressuposto teórico-metodológico a Análise de Discurso (doravante AD) francesa, de orientação pecheutiana. Mais especificamente, neste artigo, vamos tratar da questão da relação entre sujeito, imaginário e identificação nesse discurso, num diálogo com a Psicanálise. Destacamos que Pêcheux utilizou, para formular a sua noção de sujeito, o conceito psicanalítico de identificação, haja vista o caráter interdisciplinar e de disciplina de entremeio (ORLANDI, 1996) da Análise do Discurso.

Em trabalho anterior (TFOUNI, 2018a), argumentamos que a eleição de Trump é um acontecimento histórico que tem sido bastante tratado pela mídia e, por isso, merece o nosso olhar de analistas. Partindo de Le Goff (1990, p. 290), entendemos o acontecimento histórico como “um fato pontual que, por sua relevância enquanto ocorrência no mundo, passa a ser rememorado na história, fazendo parte do dizer sobre o passado de um povo, narrado pela ciência histórica”. Enquanto a ciência histórica trata o fato a partir do olhar do historiador, a mídia o trata pelo viés da interpretação do jornalista. Mas, em ambos os casos, podemos dizer que estamos diante, não mais do fato em si, mas de uma narrativa/discursividade sobre o fato. É quando o fato passa a ser narrado pela mídia, como é o caso em análise, ou pela ciência histórica (o que não nos interessa aqui), que ele ganha estabilidade de um acontecimento histórico. Em outras palavras, todo fato social que, por sua relevância, é discursivizado, ganha visibilidade na mídia, inscrevendo-se, assim, na memória social, pode ser considerado um acontecimento histórico.

Por isso, podemos afirmar, junto com Gregolin (2007), que a mídia realiza uma “história do presente”, o que significa dizer que ela, na posição de meio autorizado a falar, fornece aos sujeitos comuns as formas pelas quais eles podem e devem ler os acontecimentos

históricos do mundo. Considerando que o senso comum, de um modo geral, entende a mídia como formadora de opinião, é importante que nós, enquanto analistas, possamos trazer um outro olhar sobre o discurso da mídia, questionando as evidências de sentido, mostrando aos leitores que o sentido pode ser outro. Daí a importância também de analisarmos o modo como a mídia brasileira tratou a eleição de Donald Trump, mais especificamente, a imagem que essa mídia projetou, em algumas reportagens de capa, ao Presidente Americano.

De acordo com Althusser (1998, p. 69), a mídia é um dos Aparelhos Ideológicos de Estado², os quais “funcionam através da ideologia”. Por isso, consideramos, em AD, que o discurso midiático não é neutro nem isento, mas sim constituído pela ideologia. Assim, ao tratar os discursos midiáticos, uma das tarefas do pesquisador em AD é analisar a ideologia e as posições ideológicas constitutivas dos discursos. Para a AD, a ideologia funciona no discurso produzindo evidências: a de que o sentido é único e de que o sujeito é origem daquilo que diz. Então, também é tarefa do analista “propor ao leitor recortes heterogêneos do texto a ler” (MARANDIN; PÊCHEUX, 2011, p. 113), considerando, ao contrário da aparente evidência dos sentidos, a opacidade do texto.

Partindo dessas considerações iniciais, o objetivo deste artigo é o de analisar a imagem sobre Donald Trump em capas de duas revistas (*Exame* e *Isto é*), buscando compreender, a partir das imagens projetadas e das relações de identificação, tanto qual é a posição ideológico-discursiva atribuída a Trump pela revista, quanto qual é a posição assumida pela revista em relação ao que a eleição de Trump representa para a política e a economia mundiais.

A escolha desse *corpus* se deu a partir das perguntas formuladas para a pesquisa, que dessem conta desse objetivo.³ Segundo Orlandi (2001), a análise já se inicia na própria coleta do *corpus* e depende das questões que o analista se coloca: “A análise é um processo que começa pelo próprio estabelecimento do corpus e que se organiza face à natureza do material e à pergunta (ponto de vista) que o organiza. Daí a necessidade de que a teoria intervenha a todo o momento para “reger” a relação do analista com o seu objeto, com os sentidos, com ele mesmo, com a interpretação.” (ORLANDI, 2001, p. 64).

Portanto, o percurso analítico, em AD, se dá numa relação constante entre a teoria e o *corpus*/objeto escolhido para análise. Passamos, assim, a discutir teoricamente as noções que vão conduzir nossa análise.

2 DO IMAGINÁRIO ÀS RELAÇÕES DE IDENTIFICAÇÃO

Para a Análise do Discurso, o imaginário atua na relação ideologia, sujeito, sentido. Por isso, não basta apenas tratar essa noção como um mero “engano”, ou deixar de trabalhá-la por, supostamente, não possuir relevância ou importância na produção e circulação dos discursos; é preciso que se entenda como funciona, nessa relação, a projeção das imagens dos sujeitos, “assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica” (ORLANDI, 2001, p. 40), as quais serão determinantes na direção de determinados efeitos de sentido. Partindo da tese althussereana de que “[...] a ideologia é uma representação da relação imaginária dos indivíduos às suas condições reais de existência” (ALTHUSSER, 1998, p. 85), entendemos, em AD, que a relação dos homens com suas condições reais de existência se constrói via imaginário. Portanto, é a ideologia que sedimenta um determinado imaginário social, como o que se espera, por exemplo, do Presidente da maior economia mundial. Assim, entrelaçam-se ideologia e imaginário no funcionamento do discurso e na práxis dos sujeitos históricos, produzindo dois efeitos elementares, bem conhecidos na teoria da AD: “[...] o sujeito livre e responsável por seus atos; o sentido e seu efeito de evidência.” (GRIGOLETTO; SILVA SOBRINHO, 2018, p. 37). Em outras palavras, é a ideologia que faz parecer, pelo viés das projeções imaginárias atribuídas ao sujeito, que ele é livre e, como tal, controla o sentido daquilo que diz. Mera ilusão, a qual só funciona pelo mecanismo imaginário.

² Segundo Althusser (1998, p. 68), são designados pelo nome de aparelhos ideológicos do Estado (AIE) “[...] um certo número de realidades que apresentam-se ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas.”

³ A explicitação das questões de pesquisa para a entrada analítica no *corpus*, bem como a justificativa para a escolha dessas duas revistas serão apresentadas no item dos procedimentos metodológicos.

Diz Pêcheux (1995 [1975], p. 73): “O ideológico, enquanto ‘representação’ imaginária, está, por essa razão, necessariamente subordinado às forças materiais ‘que dirigem os homens’ (as ideologias práticas, segundo Althusser), reinscrevendo-se nelas”. Embora, num primeiro momento de sua teorização (AAD-69), Pêcheux não fazia essa articulação, lá já estavam lançadas as bases para pensarmos nessa relação entre imaginário e ideologia. Vejamos.

No texto *Análise Automática de Discurso* (AAD - 1969), Pêcheux aborda as formações imaginárias a partir do esquema de informação de Jakobson. Para Pêcheux, o esquema de Jakobson possuía a “[...] vantagem de pôr em cena os protagonistas do discurso bem como seu referente” (PÊCHEUX, 1997 [1969], p. 81), mas a mensagem era tratada “como transmissão de informação”. O esquema da comunicação possui diversos elementos, entre eles o destinador (A) e o destinatário (B). Para o autor, esses elementos são diferentes da “[...] presença física de organismos humanos individuais” (PÊCHEUX, 1997 [1969], p. 82). A e B são lugares sociais determinados, como o do professor, o do padre, o do aluno etc. Portanto, “não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B mas, de modo mais geral, de um “efeito de sentidos” entre os pontos A e B.” (PÊCHEUX, 1997 [1969]). Com isso, Pêcheux lança a sua primeira noção de discurso, relacionando-a às formações imaginárias e às condições de produção.

Nas formações imaginárias, não existe uma correspondência necessária entre o lugar do sujeito e o seu discurso. Por exemplo, podemos pensar em um trabalhador que não tem um discurso de trabalhador, mas de patrão, do Presidente de um País que não produz um discurso condizente com o que se espera dele etc. Nas palavras de Pêcheux:

Nossa hipótese é a de que esses lugares estão representados nos processos discursivos em que são colocados em jogo. Entretanto, seria ingênuo supor que o *lugar como feixe de traços objetivos* funciona como tal no interior do processo discursivo; ele se encontra aí representado, isto é, *presente, mas transformado*; em outros termos o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. (PÊCHEUX, 1997 [1969], p. 82)

Partindo de questões como: “Quem sou eu para lhe falar assim?”; “Quem é ele para que eu lhe fale assim”; “Quem sou eu para que ele me fale assim?”; “Quem é ele para que me fale assim?”, Pêcheux (1997 [1969], p. 83) vai teorizar sobre as relações/projeções imaginárias que atravessam todo e qualquer processo discursivo.

Assim, se tomarmos a primeira pergunta – “Quem sou eu para lhe falar assim?”, pensando nas revistas que estamos analisando, ou seja, a imagem que a revista faz de si mesmo, teremos como resposta: somos um meio de comunicação autorizado e reconhecido socialmente para falar sobre acontecimentos sociais.

Afirmamos acima que as revistas oferecem aos leitores formas de ler e de interpretar o mundo. Então, a resposta da questão “Quem é ela (a revista) para que me fale assim?” ($I_B(A)$) segue a mesma linha anterior, já que elas podem ser vistas como meios socialmente reconhecidos, aceitos e institucionalizados para interpretar os acontecimentos históricos frente ao leitor.

Já, o sujeito leitor, que se coloca no lugar certo para seguir esse script, vai aceitar (ideologicamente) que sua posição é a de ler e aceitar o que é dito pela revista, embora, em parte dos casos, ele possa debater, discutir e discordar. Aqui, o que está em jogo é a imagem que o sujeito tem de si mesmo: “Quem sou eu para que ele me fale assim?” ($I_B(B)$).

No caso em análise, mais importante do que as projeções imaginárias da revista e do leitor, são as projeções do referente do discurso: Donald Trump. Trata-se aqui da imagem que A (as revistas) tem do referente ($I_A(R)$), ou seja, do “ponto de vista de A sobre R” (PÊCHEUX, 1997 [1969], p. 84), que teria como questão implícita “De que lhe falo assim?”, cuja resposta permite compreender a formação imaginária correspondente: o ponto de vista (imagem) que a *Istoé* e a *Exame* têm de Trump (o referente do discurso), o que será explorado em nossas análises.

Cabe ressaltar, ainda, em relação às formações imaginárias, que elas resultam “[...] de processos discursivos anteriores (provenientes de outras condições de produção) que deixaram de funcionar mas que deram nascimento a “tomadas de posição” implícitas que asseguram a possibilidade do processo discursivo em foco.” (PÊCHEUX, 1997 [1969], p. 85-86, grifos do autor).

É, então, nesse jogo de imagens e projeções, que a ideologia funciona, a partir da interpelação do indivíduo em sujeito, o qual toma sempre posição. Por isso, para a AD, existe uma forte relação entre o assujeitamento ideológico e a identificação. Podemos mesmo afirmar que a identificação é o modo pelo qual o sujeito é interpelado pela ideologia, como é afirmado por Pêcheux: “A interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina” (PÊCHEUX, 1995 [1975], p. 214). Portanto, o sujeito, ao ser interpelado pela ideologia, está assujeitado à Formação Discursiva (FD doravante)⁴ em que inscreve seu discurso, sendo somente no interior da FD que o sentido se produz. Nas palavras de Pêcheux (1995 [1975], p. 160-161), “as palavras, expressões, proposições, etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas: [...] os indivíduos são “interpelados” em sujeitos-falantes (em sujeitos de *seu* discurso) pelas formações discursivas que representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes.”

Tomando como pressuposto da noção de sujeito o processo de interpelação ideológico, e partindo de formulações de Paul Henry (1992), Pêcheux vai propor um desdobramento do processo de interpelação, o qual resulta da relação entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal da FD em que o discurso se inscreve. Pêcheux explica que esse desdobramento pode assumir diferentes modalidades, quais sejam:

1) A primeira modalidade, do **bom sujeito**, que “[...] consiste numa superposição (um recobrimento), *entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal*, de modo que a “tomada de posição” do sujeito realiza seu assujeitamento sob a forma do “*livremente consentido*” (PÊCHEUX, 1995 [1975], p. 215, grifos do autor);

2) A segunda modalidade, do **mau sujeito**, que se caracteriza quando “o *sujeito da enunciação* “se volta” *contra o sujeito universal* por meio de uma “tomada de posição” que consiste, desta vez, em uma *separação* (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta...) *com respeito ao que o “sujeito universal” lhe “dá a pensar”*.” (PÊCHEUX, 1995 [1975], p. 215, grifos do autor). É a chamada contra-identificação;

3) A terceira modalidade, a da **desidentificação**, que “constitui um trabalho (transformação-deslocamento) da *forma-sujeito* e não sua pura e simples *anulação*. [...] esse efeito de desidentificação se realiza paradoxalmente por um *processo subjetivo de apropriação dos conceitos científicos e de identificação com as organizações políticas “de tipo novo”*.” (PÊCHEUX, 1995 [1975], p. 217, grifos do autor). Essa transformação da forma-sujeito resulta num processo de ruptura do sujeito com a FD que o domina, o que não significa dizer que a ideologia desaparece. Ela funciona, alerta-nos Pêcheux (1995 [1975]), de certo modo *às avessas*.

Partindo dessa teorização das três tomadas de posição, podemos afirmar que, na primeira modalidade, o sujeito identifica-se plenamente com a forma sujeito, e o assujeitamento é completo. Já, na segunda modalidade, o sujeito questiona alguns pontos da ideologia, mas não rompe com ela - continua inscrito na mesma FD.

Na terceira modalidade, de acordo com Grigoletto (2005), há um processo na desidentificação que dá ao sujeito a possibilidade de romper com a FD na qual estava inscrito para inscrever-se em outra formação discursiva. Portanto, há uma mudança forte de posição que vai além de questionamentos pontuais. Nas palavras da autora: “[...] nessa terceira modalidade, diferente da primeira e da segunda, o sujeito, ao se relacionar com a forma-sujeito que o domina, produz um movimento de desidentificação, o que significa que ele pode romper com a Formação Discursiva em que se inscreveu e, conseqüentemente, se identificar com outra FD e sua respectiva forma-sujeito.” (GRIGOLETTO, 2005, p. 3-4).

⁴ Segundo Pêcheux ([1975] 1995, p. 160), a formação discursiva é “aquilo que, em uma formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada determinada pelo histórico da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito.” Portanto, a noção de FD, em AD, está diretamente relacionada, como mostramos, à noção de sentido, mas também à noção de sujeito, já que é no interior da FD que o sujeito toma posição.

Convém, por fim, destacar que esses movimentos de identificação, contra ou desidentificação do sujeito se dão a partir do processo de interpelação do sujeito, e que as tomadas de posição, representadas por esses movimentos, resultam, entre outras coisas, das projeções imaginárias, uma vez que é a ideologia que sedimenta determinados imaginários sobre os lugares sociais ocupados pelo sujeito. Portanto, nossa tentativa, nesse artigo, é justamente fazer avançar, na AD, a reflexão entre identificação e projeções imaginárias, trazendo para o diálogo algumas reflexões da Psicanálise sobre identificação.

Para tanto, como já mencionado, tomamos como *corpus* a capa de duas revistas brasileiras (Exame e IstoÉ) sobre Donald Trump. Passamos, assim, a descrever os procedimentos metodológicos e, em seguida, apresentaremos as análises propriamente ditas.

3 DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS ÀS ANÁLISES DAS CAPAS DAS REVISTAS

Tratar de procedimentos metodológicos em AD é partir do pressuposto de que a AD não é uma disciplina positivista, portanto, sua metodologia não se assemelha às chamadas “ciências tradicionais” (ORLANDI, 2001). Além disso, assumimos, assim como Tfouni (1992) e (GINZBURG, 2003), que ela é uma disciplina indiciária.

Orlandi (2001, p. 63) também afirma que a AD não tem como objetivo ser exaustiva na coleta de dados (formação do *corpus*), mas em sua verticalidade (profundidade) e não horizontalidade (quantidade). Por isso, a cronologia, no presente estudo, não é um critério de levantamento do *corpus*; logo, as datas das capas não são fatores de seleção ou de ordenamento. Para esse levantamento, fizemos uma busca por capas físicas em livrarias e bancas de jornais, e virtuais na internet, que tratassem do acontecimento histórico que nos interessava: a eleição de Trump.

Mas, como afirma Gregolin (2007), os analistas só podem reunir parte do material empírico disponível, sendo que nenhum deles tem a capacidade de capturar todo o processo discursivo. Logo, eles precisam trabalhar com recortes de dados, montando um *corpora* que responda às questões a serem investigadas. Então, a partir do material empírico coletado, elegemos as capas que forneceriam a entrada analítica para as seguintes questões: Que imagens de Trump as revistas projetam aos seus leitores? Ao projetar tais imagens, as capas tratam da posição ideológica e discursiva de Trump? Se assim o fazem, de que forma tal processo acontece? Como os jornalistas e editores das revistas se posicionam em relação à imagem que projetam para Trump? Esse posicionamento permite compreender a ideologia com que o sujeito discursivo das capas se identifica?

Partindo dessas questões, buscamos, dentre o material coletado, pistas e indícios sobre o referente discursivo, no caso, Trump, que nos permitissem responder às questões elencadas. Passamos, assim, “[...] da superfície linguística (*corpus* bruto, textos) para o objeto discursivo e deste para o processo discursivo.” (ORLANDI, 2001, p. 68).

É importante dizer, ainda, que o levantamento de pistas de um discurso envolve certamente uma análise do componente semântico do texto, por isso, é difícil uma análise que não leve o conteúdo em conta, embora a AD não pretenda ser uma análise conteudística. A AD coloca para si, não a tarefa de compreender o conteúdo, mas sim de analisar o processo de produção de evidências, ou seja: compreender como se produzem certos “conteúdos”.

Por isso, escolhemos capas de revistas de grande circulação que permitissem observar a construção de uma imagem para Trump. Além disso, excluímos capas já analisadas em outros trabalhos (como TFOUNI, 2018a), bem como capas que tratavam da eleição de Trump, mas que não permitiam uma entrada analítica para os objetivos propostos. Com base nesses critérios, elegemos, para análise nesse artigo, capas de duas revistas brasileiras: Exame e IstoÉ.

Lembramos que pretendemos tratar das imagens sobre Trump nesses recortes, bem como de questões relativas ao posicionamento ideológico e discursivo do sujeito enunciativo das revistas, o que, por sua vez, permitirá abordar questões relativas ao processo de identificação. Explicaremos, mais detalhadamente, no decorrer da análise, quais aspectos da identificação, tanto na AD como na psicanálise, serão abordados, a fim de cumprirmos o objetivo a que nos propomos.

A seguir, analisaremos a capa da revista Exame, de 23/11/2016, seguida de algumas sequências discursivas (SDs), retiradas do interior da reportagem, as quais nos permitirão melhor analisar as SDs que aparecem na capa. Vejamos a capa:



Imagem 1: Capa da Revista Exame

Fonte: <https://exame.abril.com.br/edicoes/1126/>.

SD1 “Saudade da Velha direita”

SD2 “O mundo precisa de mais globalização, liberdade e respeito às individualidades. O novo presidente americano, Donald Trump, representa o oposto disso tudo”.

Iniciemos pela foto de Trump, que ocupa praticamente todo o espaço da capa. A foto da capa é em preto e branco, dando à imagem de Trump um efeito de sentido de “realidade” e de verdade, contrariamente ao efeito “mundo de fantasia” que uma imagem colorida poderia causar. Nesse preto e branco, uma luz branca clareia o rosto de Trump, dando destaque a sua face no jogo com o fundo preto. A foto selecionada não é aleatória, sugere que essa é a imagem real do Presidente Americano, um sujeito carrancudo, sem sorriso no rosto, que lembra os intolerantes. A revista poderia ter colocado na capa uma foto com uma imagem colorida, com semblante sério (o que se espera de qualquer homem público), mas essa não é a imagem que a revista quer projetar ao leitor, já que toda escolha é sempre determinada ideologicamente. Por esse efeito ideológico, a imagem que se pretende dominante é de um homem que representa o *oposto* da *liberdade* e do *respeito às individualidades*, sentido que é reforçado na materialidade verbal presente na capa (SD2).

O formato do retrato é semelhante ao de uma foto de carteira de identidade, ressaltando que o objetivo é sondar, interpretar e compreender o personagem Trump. Essa metáfora com a carteira de identidade é feita por Adorno (2016, p. 236), ao tratar dos Vlogs e a questão da identidade. “O enquadramento remete à memória do retrato e de uma foto de um documento de identidade, ou seja, os traços do corpo diferenciais/distintivos que possibilitam a identificação de uma pessoa em comparação com outra”.

As letras do texto em amarelo ganham destaque no fundo preto e branco, aproximando o leitor do texto a ser lido, oferecendo mais ostensivamente a leitura. Um dos modos de trabalho com o *corpus* na AD, como mencionamos acima, consiste em remeter o texto (superfície linguística) ao discurso, a fim de compreender este último. Por isso, na superfície textual da SD1, nosso olhar se volta

para a palavra “direita”, a qual faz referência à posição ideológica e discursiva de Trump. Essa posição está diretamente relacionada à imagem de Trump, criada pela revista, como “de direita”. São essas pistas da materialidade textual que nos permitem compreender o embate ideológico que aí se produz, a partir do jogo discursivo entre a imagem criada pela revista e a posição que ela assume em relação a essa imagem.

É sabido que a grande mídia costumava martelar no discurso do “fim das ideologias” e do “fim da história”, além de adotar o discurso da ideologia liberal e pró-globalização. Ocorre que a ideologia está presente em toda materialidade de linguagem, haja vista que a AD retrabalha o conceito de ideologia como algo próprio do simbólico e do processo de produção dos sentidos (ORLANDI, 2001).

A fim de avançar nas análises, trazemos alguns recortes da matéria, presente no interior da revista, que permitirão melhor analisar e ratificar a imagem que a revista projeta a Trump, bem como, a partir dessa projeção, observar como se dão as relações de (des)identificação do sujeito do discurso. Com isso, estaremos analisando também as posições assumidas pela revista em resposta à imagem que ela mesma cria de Trump. Se ela aprova ou desaprova Trump, por exemplo, pode jogar luz, através de um desvio, ou de uma refração, com qual discurso a revista se identifica e se o sujeito-jornalista se identifica ou não com a posição ideológica atribuída a Trump. Vejamos a SD3:

SD3 “O novo que dá medo” (p. 28)

Em SD3, Trump é significado enquanto o *novo*, o que remete ao conceito de acontecimento histórico que tratamos acima. A eleição de Trump seria um acontecimento importante que precisa ser noticiado e compreendido. Numa relação de estranhamento, o *novo* vem acompanhado do termo *medo*, de modo que os efeitos de sentido sobre a posição político-ideológica e da imagem de Trump são negativos e assustadores.

O termo *que* inicia uma oração subordinada restritiva, indicando que nem todo novo dá medo, só alguns, sendo esse o caso de Trump. Com isso, o termo *medo* também indicia uma diferença entre Trump e a revista, de modo que temos uma pista da não identificação da revista com o discurso e a posição ideológica de Trump.

Ainda em SD3, vemos uma elipse, a falta de um *me* ou de um *nós*, de modo que o enunciado seria: “O novo que me dá medo”, ou “O novo que nos dá medo”. Essa elipse indica uma posição contrária à imagem de Trump, uma vez que a revista, ao deixar vaga a posição pronominal do enunciado, sugere aos seus leitores a identificação com esse lugar vazio, que projeta uma imagem negativa de Trump. Assim, a revista se posiciona em relação ao discurso, à ideologia e à imagem de Trump. O efeito de sentido permite interpretar que a posição da revista é diferente da de Trump e que, por isso, ela não se identifica com a posição dele.

Uma vez que a imagem do Trump é associada ao novo, podemos compreender que é o sujeito-jornalista que, conforme a SD1, teria “Saudade da Velha direita”. Ou seja, Trump representaria, segundo a revista, a nova direita, que é a que *dá medo*. Daí, a saudades da *Velha direita*. Assim, num jogo de palavras entre o velho (a *Velha direita* que representa as ideias *liberais clássicas da economia*) e o novo (a nova direita, representada pela eleição de Trump, cuja *agenda* representa um *golpe* na Velha direita e um *risco imprevisível para o mundo*), a revista toma posição pela *Velha direita*, já que a nova *dá medo*. Tais efeitos de sentido, projetados ao leitor pela revista, podem ser confirmados em SD4:

SD4 “A agenda de Donald Trump representa um golpe nas ideias liberais clássicas da economia e um risco imprevisível para o mundo” (p. 28)

Na SD4, o novo de Trump seria ideologicamente contrário ao liberalismo tradicional e, por isso, representaria perigo (*risco imprevisível*). Portanto, a imagem de Trump, projetada pela revista ao leitor, é a de um não-liberal, ou até um anti-liberal (independentemente de se isso procede ou não), na medida em que *golpeia* esses valores. Por contraste, o efeito de sentido é o de que a revista é favorável ao liberalismo, que é representado pela *Velha direita*, como vemos também na SD2: “O mundo precisa de mais globalização, liberdade e respeito às individualidades. O novo presidente americano, Donald Trump, representa o oposto disso tudo”.

Fazendo um paralelo com SD4, poderíamos dizer que a *globalização, liberdade e respeito às individualidades* remetem às *ideias liberais clássicas da economia*, sobretudo a *globalização*. Por Trump representar *o oposto disso tudo*, a economia liberal dos EUA pode estar ameaçada. Tal sentido é reforçado pela revista em SD5:

SD5 “[...] boa parte do mundo ficou atemorizada com a possibilidade de o presidente eleito dos Estados Unidos ... começar a reverter duas tendências históricas que produziram ganhos inquestionáveis para a humanidade nas últimas décadas. São elas o avanço da democracia liberal e a globalização” (p. 28)

Nossa leitura da SD5 é que a revista se coloca ao lado “da parte do mundo ... atemorizada” com as possíveis ações de Trump na presidência. Assim, a revista se posiciona discursivamente contra essas ações e a favor da *democracia liberal* e da *globalização*, as quais *produziram ganhos inquestionáveis para a humanidade nas últimas décadas*. Ao utilizar o adjetivo *inquestionáveis* para qualificar os *ganhos* adquiridos pela economia liberal, a revista não deixa margem para o questionamento, projetando ao leitor esse sentido como sendo o único possível, apagando, por sua vez, por um efeito ideológico, outros sentidos possíveis para a chamada economia liberal. Isso indica que a revista não se identifica com a posição ideológica de Trump e, para reforçar essa posição em relação ao Presidente recém-eleito do EUA, ela faz uso, em alguns trechos da reportagem, do argumento de autoridade, citando outras vozes que vêm se unir à sua posição, como é o caso de SD6:

SD6 “Trump se opõe frontalmente ao pensamento conservador dos Estados Unidos. As ideias dele misturam o mercantilismo do século 17 com o fascismo do século 20’, diz o historiador americano Joel Mokyr, professor na Universidade Northwestern, em Chicago”. (p. 30)

Na SD6, temos um caso de heterogeneidade mostrada (AUTHIER-REVUZ, 1990), na qual a revista traz a fala de um especialista para endossar sua posição sobre Trump. Ao mesmo tempo, como não é a revista falando diretamente, isso permite à revista negar que ela esteja afirmando X ou Y. Assim, por exemplo, a revista se exime da responsabilidade de atribuir a Trump a imagem de fascista, característica a ele atribuída pelo historiador citado pela revista, o que não significa dizer que ela não concorde com essa imagem, mas prefere, utilizando-se de estratégias linguísticas como a citação, projetar ao seu leitor uma imagem de “neutralidade”, de quem está autorizada a dizer o que diz, pelo viés do dizer do outro.

A SD6 sugere que Trump se filia a correntes de pensamento antiquadas (e consideradas até superadas), como o mercantilismo e o fascismo. Isso permite questionar a evidência ideológica sustentada pela própria revista, segundo a qual Trump representaria o novo. Considerando essa outra vertente de leitura, seria Trump quem teria saudade da velha direita, e a revista representaria o mundo liberal, pós segunda guerra, com a derrota do fascismo. Para continuar, trazemos um trecho⁵ do texto “Por que todos amamos odiar Haidar”, de Zizek, que pode contribuir com a discussão:

O *Neue Mitte* (novo centro) manipula melhor a cicatriz direitista para hegemonizar a esfera “democrática”, isto é, definir o terreno e manter seu verdadeiro adversário, a esquerda radical, dentro de seus limites (manter longe). Aí está a verdadeira lógica da terceira via: isto é, uma socialdemocracia purgada de seu mínimo ferrão subversivo, que extingue até mesmo a menor lembrança de anticapitalismo e de luta de classes. O resultado é o que se poderia esperar. A direita populista se move para ocupar o terreno evacuado pela esquerda, como a única força política “séria” que ainda emprega uma retórica anticapitalista, embora fortemente envolta em um revestimento nacionalista/racista /religioso (as multinacionais estão “traindo” os trabalhadores honestos da nossa nação). (ZIZEK, 2000, p. 37-38)

⁵ Tradução nossa do trecho: The *Neue Mitte* manipulates the Rightist scare the better to hegemonize the ‘democratic’ field, i.e. to define the terrain and discipline its real adversary, the radical Left. Therein resides the ultimate rationale of the Third Way: that is, a social democracy purged of its minimal subversive sting, extinguishing even the faintest memory of anti-capitalism and class struggle.

The result is what one would expect. The populist Right moves to occupy the terrain evacuated by the Left, as the only ‘serious’ political force that still employs an anti-capitalist rhetoric—if thickly coated with a nationalist/racist/religious veneer (international corporations are ‘betraying’ the decent working people of our nation).

A partir da observação de Zizek, podemos dizer que as SDs acima situam o debate político em um campo que fica entre a extrema direita de Trump, e uma direita liberal e globalizante. Com isso, o debate se prende no campo da direita e alija a esquerda, e a revista toma posição pela direita liberal, que não é a direita de Trump.

É importante compreender a posição democrático-liberal da revista estampada em sua capa, a qual reforça seus valores e confronta a posição de Trump. Tal confronto é materializado nos significantes “representa” e “oposto”. A capa reafirma os valores liberais que o mundo necessita: “Globalização, liberdade e respeito às individualidades”, valores opostos aos de Trump.

Embora o sujeito sempre recupere sentidos a partir da memória e do interdiscurso⁶, de acordo com a AD, a inscrição do sujeito na ideologia ocorre a partir da Formação Discursiva. Assim, a inscrição do sujeito em uma FDx ou FDy dá-se a partir do processo de identificação. Logo, a posição do sujeito, materializada em seu discurso, permite entrever a FD com a qual o sujeito se identifica. Com base nisso, a revista, a partir de sua capa, se coloca e se identifica numa posição discursiva diferente da de Trump, na qual a direita é liberal e pró-globalização, enquanto Trump tem se mostrado, ao menos no discurso, contra a globalização. Podemos, inclusive, questionar, se, no nível das ações, a atitude anti-globalização se manteria mesmo nos casos em que a globalização favorece os EUA, mas nossa análise não dará conta desse aspecto.

Assim, o embate não é entre direita e esquerda; é entre a “Velha” e a “nova” direita. Poderíamos dizer, a partir das análises que realizamos até aqui, que a velha direita inscreve-se numa FD democrático-liberal, enquanto a nova direita, sobretudo a representada por Trump, tem negado esses valores. Portanto, a revista, ao projetar uma imagem negativa de Trump, associando-o a valores opostos aos liberais, identifica-se com a FD democrático-liberal, assumindo a posição do “bom sujeito”, enquanto o discurso de Trump representa o “mau sujeito”, já que sua posição é diferente daquela adotada pela revista.

Retomando o texto de Zizek, devemos lembrar que a análise feita pelo autor é do ano 2000. Naquele momento, era possível dizer que a posição de Trump não era aceitável. Nesse sentido, podemos dizer que ele se alinharia a outros como Le Pen e Haidar. Eis Zizek: “O que esta direita - Buchanan, Le Pen, Haidar - proporciona, é o denominador comum negativo de todo o espectro político estabelecido. São os excluídos que, por sua própria exclusão (sua “inaceitabilidade” pelo governo), fornecem prova da benevolência do sistema oficial.”⁷ (ZIZEK, 2000, p. 37).

Os trechos de Zizek nos permitem compreender em profundidade o embate de posições entre as revistas, através das capas aqui analisadas, e Trump. As primeiras representam o liberalismo tradicional e Trump está alinhado com Le Pen e Haidar, representando a extrema direita. E tais posições se materializam no discurso, ou seja, os liberais continuam a odiar a direita radical, porém a eleição de Trump introduz um fato novo.

Passadas quase duas décadas, essa direita não representa mais aquilo que “[...] todos amamos odiar”, não é mais “o denominador comum negativo do espectro político” (ZIZEK, 2000, p. 37); ao contrário, trata-se de uma posição que ganhou força na sociedade. Esse seria *o novo que dá medo*, segundo a revista. Mesmo tendo ocupado um lugar importante, o discurso democrático-liberal se mantém na posição de deslegitimar o discurso de Trump, ou seja: continua amando odiar Trump.

Uma vez que o discurso materializado na capa da revista se posiciona em relação a Trump, Exame se inscreve e se identifica com uma formação discursiva liberal, conforme já afirmamos acima. Isso permite que realizemos um avanço teórico-analítico, ao relacionarmos o conceito de FD da AD com o de significante mestre, em Psicanálise, como já fizemos em trabalhos anteriores (TFOUNI, 2020). Da mesma maneira que o sujeito se identifica com a FD na qual se inscreve, pela via da identificação ideológica, o

⁶ Embora alguns autores, no campo da AD, tomem, muitas vezes, a memória como sinônimo de interdiscurso, nesse texto as entendemos como noções distintas, com base em Indursky (2011). Segundo a autora, enquanto a memória discursiva é lacunar e está circunscrita a uma FD, o interdiscurso é pleno, saturado, abarcando a memória discursiva referente ao complexo de todas as FD. (INDURSKY, 2011, p. 87-88)

⁷ Tradução nossa do trecho: “For what this Right—Buchanan, Le Pen, Haider—supplies is the negative common denominator of the entire established political spectrum. These are the excluded ones who, by this very exclusion (their ‘unacceptability’ for governmental office), furnish the proof of the benevolence of the official system.”. Zizek 2000, p. 37)

sujeito também se identifica com o significante mestre, sendo este o significante que ordena uma rede de significantes e funciona como produtor de sentido da rede, de modo que os termos de um discurso não possuem sentido enquanto isolados, mas possuem sentido na cadeia devido à remissão de um significante a outro. Conforme Dias (2009, s/p), “até este ponto, no ensino lacaniano, o significante mestre é o ordenador e gera sentido e significação. Na operação de alienação, o sentido é atribuído a partir da identificação com o significante mestre.”

Em sua “leitura política” do grafo do desejo, Zizek (1992) trabalha com o conceito de significante mestre enquanto gerador de sentido. Eis a célula elementar do grafo, que possui vários “desenhos”.

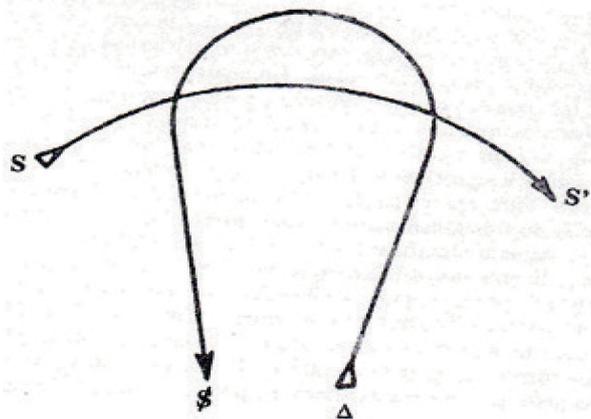


Imagem 2: significante mestre

Fonte: Zizek (1992, p. 99)

No grafo do desejo, temos dois eixos: um, o da “fala”, tem o percurso S-S’; o outro vai de Δ a \$. A fala segue sempre adiante, sendo uma cadeia metonímica. Na teoria lacaniana, a metonímia produz uma perda de sentido, por isso, não se produz a “mensagem”. O segundo eixo funciona por retroação, de modo que o segundo significante retroage sobre o primeiro, produzindo uma metáfora e, nesse processo, há um ganho de sentido. O ponto no qual o eixo Δ-\$ cruza primeiramente o eixo S-S’, temos o significante mestre que produz a amarração dos significantes permitindo uma interpretação do significante anterior.

O que Lacan destaca com isso é precisamente o caráter retroativo do efeito de significação, o fato de que o significado fica atrás em relação à progressão da cadeia significante: o efeito de significação é sempre produzido na posteridade. Os significantes que estão sempre em estado flutuante, porque sua significação ainda não foi fixada, vão se sucedendo até o momento em que, num certo ponto - justamente o ponto em que a intenção cruza a cadeia significante, atravessa-a -, um significante fixa retroativamente a significação da cadeia, costura a significação ao significante, detém o deslizamento da significação. (ZIZEK, 1992, p. 100)

Para nós, esse processo é correlato ao processo de identificação-assujeitamento abordado por Pêcheux. O sujeito se identifica e se assujeita a uma FD através de um significante mestre (TFOUNI, 2020). Como afirma Zizek (1992, p. 100):

Essa articulação mínima já atesta o fato de que estamos lidando, aqui, com o processo de interpelação dos indivíduos [...] como sujeitos. O ponto de basta é ponto através do qual o sujeito é costurado ao significante e, ao mesmo tempo, é o ponto que interpela o indivíduo como sujeito, dirigindo-se a ele através do apelo a um certo significante mestre (“comunismo”, “Deus”, “Liberdade”, “América”); numa palavra, é o ponto de subjetivação da cadeia significante.

Retornando à análise, temos, assim, nas SD 1 a 6, um conjunto de significantes que colocam a posição da revista enquanto de uma direita liberal-democrática, que, embora possa ser lida como conservadora, trata-se de um conservadorismo diferente do de Trump, como visto principalmente nas SD 5 e 6.

A seguir, analisaremos a capa da revista Istoé, número 2457, de 13/01/2017

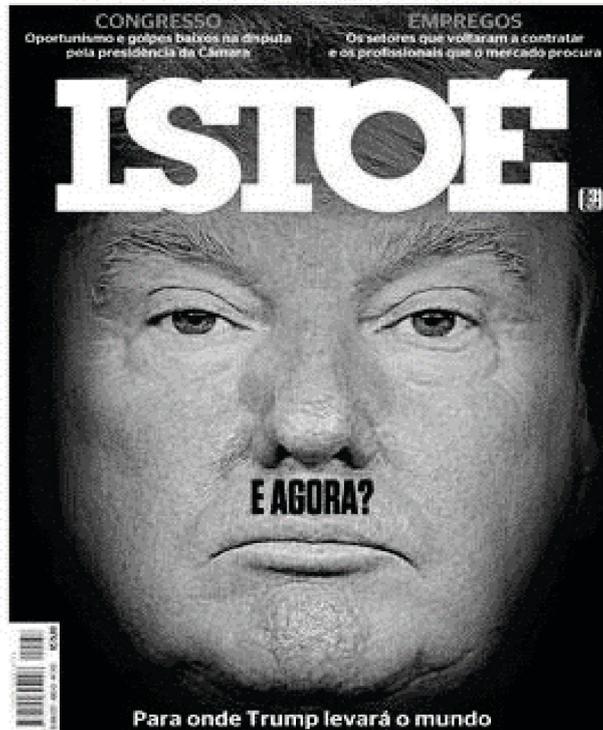


Imagem 3: Capa da Revista ISTOÉ

Fonte: <https://istoe.com.br/edicoes/page/4/>

SD7: E agora?

SD8: Para onde Trump levará o mundo

A SD7 reitera os sentidos de dúvida, incerteza e, possivelmente, de medo, já abordados anteriormente em outras SDs. A SD8 não é uma pergunta, mas um enunciado declarativo; em contraste à SD7, SD8 produz sentido de certeza e permite interpretar que a revista sabe para onde Trump levará o mundo. A capa traz consigo o efeito suspense (TFOUNI, 2006, p. 55), mas, para ter acesso a esse saber, o sujeito precisa comprar a revista.

A capa acima permite tratar tanto questões relativas à imagem, quanto à identificação e à ideologia. Podemos dizer que o “Bigode de Hitler” em Trump, materializado pelo enunciado “E agora?”, projeta uma imagem que o associa ao nazismo. Para Pêcheux (1999, p. 51), “a imagem seria um operador de memória social, comportando no interior dela mesma um programa de leitura, um percurso escrito discursivamente em outro lugar”. Portanto, entendemos que a imagem da capa como um todo, não só o “bigode”, retoma esse percurso discursivo da memória do nazismo alemão e da figura de Hitler. Como na capa da Revista Exame, a imagem projetada a Trump é de sujeito carrancudo, sem sorriso no rosto, que lembra, mais do que os intolerantes, o ditador alemão. Chama-nos a atenção o enquadramento da foto que dá destaque ao jogo de cores: contrastando com os olhos azuis (parte mais clara da imagem), o fundo negro e a escrita do enunciado “E agora?”, em preto, sugerindo o bigode de Hitler. Assim, num jogo de imagens e cores, entre uma atualidade e uma memória (PÊCHEUX, 1999 [1983b]), a revista projeta a Trump uma posição político-ideológico-discursiva de extrema direita, com a qual ela não se identifica. Nesse caso, o encontro entre uma atualidade e uma memória é produzido pela eleição do Presidente Americano, que faz ressoar a memória do nazismo.

A imagem pode ser parafraseada/lida como um enunciado meramente declarativo (“Trump é fascista”). Mas podemos ir além e argumentar que se trata de uma denúncia. Seguindo essa linha editorial, a revista, ao denunciar a posição de extrema direita de Trump, toma posição, ao não compactuar com ela.

Para comentar acerca da posição e a identificação da revista, precisamos lembrar que, para Pêcheux (1995 [1975]), a noção de contra-identificação se refere ao momento em que um sujeito, que está filiado a uma FD, questiona alguns saberes dessa FD, mas que, no entanto, permanece inscrevendo seu discurso nela. Este não parece ser o caso da revista em questão, pois, tanto a imagem de capa, como as sequências discursivas SD7 e SD8 indicam uma diferença que não é pontual em relação ao discurso de Trump. Logo, é preciso modalizar o conceito de contra-identificação para podermos atribuir esse gesto à revista.

Do mesmo modo, também não parece ser o caso da desidentificação *stricto-sensu*, pois não é possível afirmar que a revista estava identificada com a posição de Trump, e depois realizou um movimento que culminou em sua ruptura com tal posição. Assim, os conceitos de contra-identificação ou desidentificação só podem ser usados levando em consideração o até aqui exposto.

A revista, então, estaria, no nosso entendimento, contra-identificada com a posição discursiva de Trump na medida em que sua posição se demarca por diferenças, não por coincidência. Os sentidos veiculados representam (criam uma imagem de) Trump como o “mau sujeito”. Ao criar essa imagem negativa de “mau sujeito” para Trump, a revista marca, ao mesmo tempo, seu distanciamento dessa imagem, contra-identificando-se com o perfil de Trump.

Como já apontamos, em Pêcheux (1997 [1969]), a criação de uma imagem consiste no ponto de vista de A sobre o referente. Sintetizando uma discussão mais ampla sobre a questão do olhar em psicanálise, em termos lacanianos, poderíamos dizer que isso significa que a imagem depende do olhar do outro. Esse olhar, não do pequeno, mas do grande Outro, é que vai dizer se o sujeito é merecedor de amor ou não, ou seja: se ele ocupa a mesma posição que “nós”, se ele se identifica com os mesmos ideais.

Esse significante ideal é o que indica ao sujeito, muito cedo na sua vida, o que ele deve ser para responder aos critérios do amor do Outro. [...] aquilo que o sujeito tem de interiorizar é, em primeiro lugar, o olhar do Outro. Esse olhar do Outro é, depois, algo que faz signo ao sujeito sobre o modo em que o outro lhe olha: Com bons olhos ou maus olhos. (NOMINÉ, 2018, p. 27)

Na medida em que se pode ver uma crítica à posição de Trump na capa, isso indicia que Trump não é merecedor de amor, a partir da posição com que o sujeito que produziu a capa lhe olha. E isso ocorre nas duas capas analisadas aqui. Nesta, através do Bigode de Hitler e, na primeira, com os significantes contrários à posição de Trump. Se Trump não é merecedor de amor, segundo o olhar do Outro enunciador das revistas, então ele é um mau sujeito.

Os sujeitos se identificam ou não com outros sujeitos e esse processo é fundamental para a formação tanto dos sujeitos como dos grupos. A formação do sujeito sempre envolve um “passar pelo outro”. É introjetando características do outro que o sujeito se forma. Para Roudinesco e Plon, a identificação é um aspecto central da formação do sujeito, que se realiza a partir da assimilação de traços ou atributos do outro. Nas palavras dos autores, a identificação é um termo, empregado em Psicanálise, para “designar o processo central pelo qual o sujeito se constitui e se transforma, assimilando ou se apropriando, em momentos chave de sua evolução, dos aspectos, atributos ou traços dos seres humanos que o cercam” (ROUDINECO; PLON, 1998, p. 363)

Existe um processo de identificação que, em psicanálise, é denominado identificação pelo traço, e que ocorre quando o sujeito toma para si algum aspecto do outro. Conforme Nominé: “O que Freud assinala é que, nos dois casos (identificação primitiva e identificação secundária regressiva), a identificação não é massiva, é só parcial. ‘altamente limitada, tomando apenas um traço da pessoa-objeto’”. (NOMINÉ, 2018, p. 25).

A realização da ligação afetiva da identificação se realiza através da linguagem; nesse sentido, o traço precisa estar na linguagem, ou seja: o sujeito só pode atribuir o “bigode de Hitler” a Trump porque este é um significante, não é puramente do registro imaginário. Para nos identificarmos a algo, temos que saber o que é esse algo, o qual se realiza através da nomeação na linguagem. Por isso, a identificação é identificação significativa.

A capa em questão faz uso do mecanismo descrito acima, no entanto, ela o faz para criar uma imagem: Usa um traço bastante presente na memória discursiva (o bigode de Hitler) para, através desse traço, nos apontar aquela que seria, para a revista, a posição política de Trump.

O Bigode de Hitler aparece nessa capa como o significante que, sozinho, seria capaz de indicar uma posição ideológico-discursiva. Nesse sentido, o bigode pode ser tomado aqui como significante mestre da posição de Trump, ou seja, o significante pelo qual todos os outros significantes do seu discurso devem ser compreendidos. O bigode de Hitler comparece como interpretante de outros significantes, como liberdade, justiça etc, que venham a ser enunciados a partir dessa posição.

Por refração, a revista se auto-enuncia (anuncia) como contra-identificada com essa imagem, pois não concorda, nem compactua com ela. Nessa medida, o traço do outro (Trump), mesmo que imaginário, constitui a posição da revista em relação ao bigode que ela mesma atribui a Trump. Durante seu processo de formação, o sujeito necessariamente se identifica e se contra-identifica com outros; portanto, o sujeito não existe em, e por si mesmo. Tanto a AD quanto a psicanálise têm criticado o sujeito essencial ou original - a crítica do sujeito coincidente consigo mesmo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do *corpus* nos permitiu compreender que a eleição de Donald Trump como presidente dos EUA foi tratada pela mídia como um acontecimento, na medida em que rompeu com as previsões divulgadas durante o processo eleitoral. Antes das eleições, a mídia em geral não acreditava na vitória de Trump, que deu à sua eleição um significado de rompimento com as expectativas sobre a política.

A análise permitiu compreender que a imagem projetada a Trump é a de um sujeito filiado a uma FD de extrema direita, podendo ser caracterizado como “o Hitler americano”. Por sua vez, isso nos permitiu compreender também a tomada de posição dos sujeitos-jornalistas das revistas analisadas, que defendem o liberalismo e a globalização, bem como se colocam a favor das liberdades individuais. Assim, partindo de uma leitura de Zizek (2000), observamos que estão em diálogo os saberes de duas FDs: uma de extrema direita e outra neoliberal.

Ao posicionar o discurso e a ideologia de Trump no campo da extrema direita, as capas analisadas atribuem ao Presidente Americano uma imagem de “mau sujeito”, e os sujeitos enunciativos, responsáveis pelas capas das revistas selecionadas, mostram seu posicionamento contrário ao dele, o que os coloca na posição de ‘bons sujeitos’. Por isso, interpretamos que essas revistas contra-identificam-se com a imagem atribuída a Donald Trump e, conseqüentemente, com as suas posições. Para as revistas, o bom sujeito é aquele que concorda com os seus ideais, e que inscreve seu discurso na mesma FD, a partir de uma filiação ideológica a ideias da economia liberal, o que não é o caso de Trump.

Nesse processo de construção de imagem e de identificação, as revistas produzem um discurso que busca disputar os corações e mentes dos leitores, colocando-os numa posição específica, que seria a de identificação com a posição que defendem. Ao se definirem como o bom sujeito, as capas adiantam ao leitor uma imagem positiva de si mesmas e uma imagem negativa de Trump, assim, a expectativa seria a de que os leitores se posicionassem ao lado das revistas e contra Trump.

Esse jogo discursivo entre o bom sujeito e o mau sujeito foi tratado a partir do texto de Zizek (2000), no qual o autor argumenta que o liberalismo tradicional “odeia” a extrema direita, a fim de construir uma imagem de mau sujeito para a extrema direita e se posicionar como o bom sujeito, aquele que é merecedor de amor aos olhos de si mesmo e do outro. Embora possamos afirmar que ambas as capas se posicionam, a primeira é mais explícita no seu posicionamento, ao defender valores que se alinham com uma posição diferente da de Trump, como o liberalismo e a globalização. A segunda capa denuncia a posição de Trump, associando-o mais diretamente ao nazismo, mas não traz nenhum contraponto direto com a questão da economia liberal. Fato é que ambas as revistas se posicionam contrárias ao pensamento de Trump, colocando em funcionamento, nos seus discursos, a relação entre imaginário, sujeito e identificação, o que não se dá fora do ideológico. Isso nos mostrou como foi produtivo, analiticamente, a

aproximação do funcionamento das projeções imaginárias com os processos de (contra)identificação do sujeito, para que pudéssemos melhor compreender o funcionamento do ideológico nessas capas.

Igualmente produtivo foi o tratamento da questão das identificações, a partir do conceito psicanalítico de significante mestre. A partir das análises, observamos que o “bigode de hitler” pode ser usado como um traço (noção freudiana), que permite tanto a projeção de imagem como a identificação dos sujeitos. Afinal, esses traços são traços que estão na linguagem, portanto, são traços significantes, semânticos e discursivos.

REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidades enunciativas. *Caderno de estudos linguísticos*, v. 19. Campinas, jul./dez. 1990.
- ADORNO, G. Os vlogs e a identificação paradoxal dos criadores de discurso. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, n. 37, Campinas, jan.-jun. 2016.
- ALTHUSSER, L. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 7.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.
- DIAS, S. *O significante é uma palavra mestra?* In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE CONVERGÊNCIA, MOVIMENTO LACANIANO PARA A PSICANÁLISE FREUDIANA, 4. Buenos Aires, 2009. Disponível em: <http://www.espacopsicanalise.com.br/significante.html>. Acesso em: 25 abr. 2019.
- LE GOFF, J. A história nova. In: LE GOFF, Jacques (org.). *A história Nova*. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- MARANDIN, J.-M; PÊCHEUX, M. Informática e Análise do Discurso. In: PIOVEZANI, C; SARGENTINI, V. (org.). *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2011 [1982]. p. 111- 115.
- GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. 2. ed., 1. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- GREGOLIN, M. do R. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. *Mídia, comunicação e consumo*, v. 4, n. 11, São Paulo, p. 11-25, nov. 2007
- GRIGOLETTO, E. A noção de sujeito em Pêcheux: Uma reflexão acerca do movimento de desidentificação. *Estudos da Linguagem*, Vitória da Conquista, n.1, p. 61-67, jun. 2005
- GRIGOLETTO, E.; SILVA SOBRINHO, H. F. O imaginário sobre o golpe de 2016: silenciamentos e contradições. In: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F.S.; SILVA SOBRINHO, H. F. (org.). *Imaginário, sujeito, representações*. Recife: Editora Universitária, 2018. p. 37- 58.
- INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; LEANDRO FERREIRA, M. C. (org.) *Memória e história na/da Análise do Discurso*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011. p. 67-89.
- NOMINÉ, B. *Sobre identidade e identificações: conferências (2014-2015)*. São Paulo: Blucher, 2018.
- ORLANDI, E. P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 3.ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

- PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3.ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1997 [1969]. p. 61- 161.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2.ed.Trad. Eni P. Orlandi et al. Campinas: Unicamp, 1995 [1975].
- PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Campinas, SP: Pontes, 1999 [1983a]. p. 49- 57.
- PÊCHEUX, M. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. 2.ed. Campinas, SP: Pontes, 1997 [1983b].
- ROUDINECO, E; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- TFOUNI, F.E.V. O discurso sobre Donald Trump em capas de revista de grande circulação. In: LIMA, G. de O. S.; NASCIMENTO, J. P. F.; CARDOSO, T. G. (org.). *Pesquisa em linguística: abordagens contemporâneas*. Aracaju: Criação, 2018a. p. 219-228
- TFOUNI, F. E.V. *Ideologia, identidade e identificação na mídia: Uma abordagem discursiva*. [Projeto de Pós-doutorado]. 2018b.
- TFOUNI, F.E.V. O significante-mestre e a identificação no discurso midiático. *Entremeios: Revista de Estudos do Discurso*, v. 21, jan.- jun./2020.
- TFOUNI, L.V. *Letramento e alfabetização*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- TFOUNI, L.V. O dado como indício e a contextualização do(a) pesquisador(a) nos estudos sobre compreensão da linguagem. *D.E.L.T.A.*, v.8, n.2, 1992.
- ZIZEK, S. Why we all love to hate Haider. In: *New left review* 2, 2000. p. 37-45. Disponível em: <https://newleftreview.org/ii/2/slavo-j-zizek-why-we-all-love-to-hate-haider>. Acesso em: 23 ago. 2018.
- ZIZEK, S. *Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.



Recebido em 12/05/2019. Aceito em 01/07/2019.